

## **A produção de sentido no artigo de opinião Donald Trump ganha eleição em vitória que abala ordem mundial<sup>1</sup>**

Deise Graciosa PAGOTTO<sup>2</sup>

Gabriela de Moura ROSA<sup>3</sup>

Bibiana de Paula FRIDERISCH<sup>4</sup>

Universidade de Passo Fundo – UPF, Passo Fundo, RS

### **Resumo**

O presente artigo propõe o estudo da discursividade em nível verbal e não verbal, a partir de Roland Barthes. O artigo de opinião escrito por Guilherme Evelin e publicado pela revista *Época* em 09 de novembro de 2016 classifica-se a partir de seis categorias principais, sendo elas: poder, estereótipo, mito, socioleto, cultura e fotografia. Considera-se, portanto, o texto apresenta uma série de dilemas que envolvem o poder de Trump, que com sua ideologia conservadora assume o cargo máximo da soberania mundial.

**Palavras-chave:** Poder; discurso; conservador; análise; política mundial.

### **Introdução**

Uma das principais características da sociedade é o poder da comunicação, peça esta considerada fundamental para decisões de ações coletivas necessárias para a sobrevivência dos seres humanos. Segundo, Rouanet, (2005, p. 09) “a noção de comunicação recobre a uma multiplicidade de sentidos. [...] a proliferação das tecnologias e a profissionalização das práticas acrescentam novas vozes a essa polifonia, num fim de século que faz da comunicação uma figura emblemática da sociedade de Terceiro Mundo”. A linguagem usada pela sociedade é composta por vários códigos, signos e símbolos que são apresentados por meio da escrita, fala, fotografia, gestos e demais meios de informação.

A figura humana cria diversos significados para compreender os elementos presentes no meio em que está inserido, desenvolvendo percepções próprias e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT/IJ – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo/UPF - Passo Fundo, RS. E-mail: deise.pagotto@gmail.com.

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo/UPF - Passo Fundo, RS. E-mail: gabrielademourarosa2015@gmail.com.

<sup>4</sup> Trabalho orientado pela Doutora em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora da Universidade de Passo Fundo/UPF - Passo Fundo, RS. E-mail: bibiana@upf.br.

---

universais, através da semiologia, que mantém essas visões interligadas e permite um melhor entendimento sobre os resultados do discurso. “O método semiótico tem como conceito fundamental o estudo do signo que, conforme Saussure (apud Santos et al.2009, p 06) apresenta um primeiro elemento chamado significante, que é caracterizado não por sua natureza material, mas como imagem acústica, mas a impressão psíquica que pode desencadear outro fenômeno psicosemiológico, o significado.”

Segundo Barthes (1991), a sociedade atual se organiza a partir de diferentes signos, estes bastante complexos, que moldam a nossa percepção de mundo. Ressalta ainda que nenhum outro sistema com a mesma complexidade e grandeza foi observado em nosso espaço e tempo.

Diante da tamanha complexidade da linguagem humana, Roland Barthes, define semiótica como a ciência que se ocupa do estudo de qualquer sistema de signo, mas considerando as substâncias e/ou limites dessas significações.

Sendo assim, o presente artigo intitulado “Donald Trump ganha eleição americana em vitória que abala ordem mundial” coloca em evidência uma dimensão translinguística que apresenta características semióticas a partir das concepções barthesianas.

Trabalhando as ideias principais e os significados, a primeira etapa do presente artigo aborda a fundamentação teórica das categorias de análise para entender o discurso. A análise semiológica é posta em seguida exemplificando a estrutura do artigo de opinião referido. Sendo na última parte as conclusões finais.

## **1 Fundamentação Teórica das categorias**

A análise semiológica aplicada para entender a discursividade do artigo “Donald Trump ganha eleição americana em vitória que abala ordem mundial”, parte das percepções de Roland Barthes, personalidade teórica paradigmática. A semiologia Barthesiana é composta de traços particulares. A partir de seus estudos teóricos sugere categorias de análise que servem para tangibilizar as estruturas do discurso que tencionam a produção de sentidos a partir dele. Em nossa análise optamos por trabalhar com as seguintes categorias: Poder, Socioleto (*enclítico* e *acrático*), Ideologia, Estereótipos, Mitos, Cultura e Fotografia (*Punctum* e *Studium*).

---

Dentre as categorias Barthesianas, a categoria Poder é estabelecida como uma espécie de realidade cultural que está fixada na linguagem e se reproduz socialmente. O poder é reproduzido em diferentes variações e se manifesta e desenvolve ao longo da história. Denominado por Barthes como libido dominante (comparado ao prazer), é algo que mobiliza o homem e o mundo. O Poder ganha ênfase como diferencial nas tipologias discursivas. Esta categoria está relacionada com a história inteira do ser humano e não somente com as histórias políticas. É uma invariância na existência humana através da simbiose entre dominação e prazer. O Poder é utilizado como potência, possibilidade, “eu posso”, Barthes (apud Lemos et al. 2005, p. 31 e 32). A partir dos discursos compreendemos como os poderes se comportam.

A sociedade atual vive permanentemente em uma guerra de linguagens entre quem está no poder é quem está à sombra do poder. Compreende-se esta ideia de poder dominante através da categoria Socioleto. Segundo Barthes (1988), é o Socioleto que determina o conjunto de características da linguagem de determinado grupo social, estabelecendo assim, quem domina e quem é dominado. Para o autor, toda palavra está naturalmente inserida em algum Socioleto, linguagem social que une língua e discurso de maneira segmentada na sociedade. O pensador define dois tipos de Socioletos: *Encráticos*, discursos no Poder que agem por opressão e *Acráticos*, discursos fora do Poder, que agem por sujeição.

O discurso encrático é um discurso conforme a *doxa*, submetido a códigos que são eles próprios as linhas estruturantes da sua ideologia. E o discurso acrático enuncia-se sempre em graus diversos, contra a doxa (seja ele qual for, é um discurso para-doxal). Esta oposição não exclui as gradações no interior de cada tipo; mas, estruturalmente, a sua simplicidade mantém-se válida enquanto o poder e o não-poder estão no seu lugar. (BARTHES, 1988, p. 97).

No discurso analisado, outra categoria que está presente é o Estereótipo, que pode ser definido como um sentido “cristalizado” do mundo. Sempre que nos deparamos com determinado signo, vemos aquilo da forma que nos foi ensinado. O estereótipo está carregado de sentidos e de tradições. É um “rótulo” que condiciona o olhar a entender “as coisas” culturalmente antes mesmo que possamos ver algo.

Os estereótipos forma parte da cultura de um grupo e, como tais, são pelos indivíduos e utilizados para uma eficaz compreensão da realidade. Ademais, a conscientização dos estereótipos cumpre para o indivíduo uma função de tipo defensivo: ao contribuir com o mantimento de uma cultura e de determinadas formas de organização social, garantem o resguardo das posições alcançadas (MAZZARA, 1999, p. 14).

Segundo Mazzara (1999), a estereotipia pode ser apontada como a simplificação das características que cultivamos sobre determinados povos/pessoas, que resultam como a cristalização de preconceitos. Nosso imaginário social sobre grupos, modos de pensar e culturas é algo colocado como certo e não pode ser entendido de outra forma.

Outra categoria Barthesiana encontrada no artigo relacionado a Donald Trump é o Mito. Entendido como uma história que explica a origem das coisas, o Mito é uma estrutura (e portanto, uma ideia) em torno da qual o discurso está amarrado. Segundo Barthes (2003), o discurso midiático é o discurso mais mitológico. Para se entender os mitos, Barthes usa sete figuras de linguagem, colocadas a seguir, que são a expressão dos mitos.

*Omissão da história* – Distorce a causa dos eventos narrados/ omite os elementos que são importantes/ conta os fatos pela metade.

*Quantificação da qualidade* – Refere-se a números/ o número de pessoas impactadas/ quantifica-se a qualidade de algo através de números.

*Vacina* – Tenta esconder o mal maior com o mal menor/ o discurso confessa o mal menor para esconder o mal maior.

*Identificação* – Igual ou exótico/tratamos através dos discursos “outros” como iguais ou exóticos/transformamos o “outro”, em objeto, um espetáculo/ Definimos determinadas coisas que nos igualam ou não através de estereótipos.

---

*Constatação* – Tenciona o discurso para que se chegue a conclusão de que algo é aquilo e ponto/o discurso não dá a possibilidade ao leitor de pensar em outras alternativas que vão além do que já é estabelecido.

*Tautologia* – As coisas são de tal forma porque foram estabelecidas assim/o mundo é como é baseado em argumentos estabelecidos por alguém que tem autoridade.

*Ninismo* – O jogo discursivo rejeita qualquer outra definição para manter o “as coisas são do jeito que são”/favorece a continuidade.

A Cultura, também está entre as categorias de análise, e é o acúmulo que cada sujeito carrega por meio dos textos e discursos que vemos ao longo da vida. É o exercício de como esses textos podem interferir na percepção da mensagem. Nossa cultura é constituída por todos os textos que nos atravessam ao longo da vida. O fato é que os elementos da cultura, dispersos nos cenários sociais, estão presentes na maneira como falamos, na nossa sintaxe, no entrelaçado que fazemos dos signos, de modo que, como alerta o autor, “não podemos passar para o não discurso porque o não discurso não existe” Barthes (1981, p. 159). Esta categoria se concretiza nos atos do cotidiano, como as nossas conversas, as nossas leituras, as nossas músicas. Sendo assim, a Cultura, é o conjunto infinito das leituras, das conversas que tivemos ao longo da vida. Ele (BARTHES, 1975, p. 94) a caracteriza, como “o banco das ‘influências’, das ‘fontes’, das ‘origens’” de uma obra e de um autor.

Por fim, a categoria Fotografia. Usada no início do artigo de opinião sobre Donald Trump, a fotografia revela percepções diversas sobre o governo e a forma de governar do novo presidente. Para Barthes (1984), a Fotografia é capaz de reproduzir infinitamente algo que aconteceu uma única vez e que não poderá mais se repetir (a fotografia é o atestado de óbito). Nesta categoria é possível identificar dois elementos (subcategorias) que estão copresentes na imagem: o *Studium* e o *Punctum*.

O primeiro deles é percebido culturalmente e inerpretado a partir do conhecimento prévio sobre o mundo de quem vê a Fotografia. Possui um sentido social e compartilhado que determinada fotografia têm. A leitura é feita, portanto, por meio de objetivos e critérios definidos. Já *Punctum*, se lança sobre quem vê a Fotografia conforme descreve o autor. Segundo Barthes (1984), “não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do *Studium*), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar”. A subcategoria *Punctum* pode ser

---

entendida como um detalhe/ponto específico da imagem que é capaz de mobilizar o observador. As duas subcategorias barthesianas, permitem uma visão/compreensão distinta por quem olha uma fotografia: enquanto o *Studium* gera um interesse racional, um interesse compartilhado, o *Punctum* desperta no observador um estado emocional, trabalha com a questão emotiva.

## 2 Análise

O artigo de opinião que faz menção a Donald Trump e a revolução política mundial, baseado no contexto de poder das medidas severas que Trump deseja realizar, escrito por Guilherme Evelin, foi publicado pela revista *Época* em 9 de novembro de 2016. Distribuído em três laudas inteiras, escrito da esquerda pra direita, em direção linear, dinamiza a leitura, a medida que o leitor avança pelas páginas. O texto é composto por um título, uma linha de apoio e 4 subtítulos, 6 parágrafos de textos verbais e uma foto que se localiza na região central da folha, no topo da página, antes mesmo do próprio título de forma horizontal.

A foto por si só já indica a soberania de Trump. Visualmente posta antes mesmo do título e acima da palavra “mundo” possibilita o entendimento do poder que o político tem sobre o restante do planeta. Analisando a partir das categorias que permitem entender melhor o discurso, a foto simboliza poder e vem acompanhada de um título e linha de apoio que permite compreender melhor a soberania de Donald Trump. Podemos classificar a imagem utilizando a categoria Fotografia que é composta pelas subcategorias Barthesianas *Punctum* e *Studium*. A partir características que Barthes define para a subcategoria *Punctum*, notamos no recurso visual um “ponto” que fixa a nossa atenção particular. O detalhe é o olhar Trump, indicando a superioridade do político. Seu olhar indica domínio, dando a ideia de que ele está no controle e que as pessoas terão que se submeter a ele e suas convicções políticas.

Durante todo o texto cria-se um estereótipo da ideia de mundo criada a partir da figura de Trump. As palavras <<bilionário>>, <<republicano>> e <<político de discurso conservador>> são alguns dos exemplos de estereótipos criados. Em dado momento, o discurso caracteriza como <<Trumpismo>> aqueles que, como Trump, adotam um discurso similar. Assim, quem for seguidor de Trump e de suas ideias,

---

poderá ser classificado como Trumpista e conseqüentemente também tem poder, porque quem tem poder é Trump.

A frase, << foi o eleitorado de classe média, branco e de baixa escolaridade que acha que sofreu perdas com a globalização>> pode ser analisada a partir do mito da vacina. A classe com pouca escolaridade passa a ser alienada e acredita que tudo o que foi dito é verídico, ou seja que Trump é a solução para os problemas americanos e será um bom presidente para o Estado Americano. Mas na verdade o discurso revela que houve uma troca do mal maior pelo mal menor.

Subtítulos e frases grifadas chamam a atenção e ajudam a caracterizar de que forma o discurso se manifesta e a que categorias ele pertence. <<Vitória de Trump é recebida com tristeza em berço do movimento feminista>> mostra novamente quem está no poder e quem está abaixo do poder. As feministas ganham o papel de inferioridade no contexto. Agora, as mulheres que lutam por direitos iguais terão que aceitar as ideias machistas de Trump, mesmo que não concordem com elas. A soberania de Trump é tamanha que seu discurso virará uma ideia de mundo, <<americanismos e não globalismo será nosso credo>>, ressaltando que a ideologia predominante a partir da sua posse será esta. E que cada cidadão deverá se adequar e se submeter a ela.

A categoria Cultura também aparece no artigo, no trecho <<Assim como na vitória de Brexit>>. Seguindo a ideia Barthesiana de análises dos discursos, classificamos o trecho como cultura, pois compreendemos que fragmento faz referência a um fato que já aconteceu e que se assemelha muito com a vitória do republicano. Tanto a vitória de Brexit quanto de Trump impacta fortemente sobre o mundo. A intertextualidade também está presente na passagem em que o texto faz relação entre as eleições presidenciais Americana e Francesa, projetando a vitória da candidata Marine Le Pen, que se vencer causará grandes mudanças políticas no cenário mundial. << No ano que vem a França vai realizar eleições presidenciais e a candidata Marine Le Pen, de partido extrema direita tem grandes chances de vencer>>.

A referência de cultura revela-se também no trecho <<Americanismo e Globalismo será nosso credo>> onde é feita uma alusão à cultura ou aos costumes americanos que passarão a serem impostos como um modo de vida a ser seguido pelo restante do planeta. Também na frase <<Dos últimos candidatos republicanos a Casa Branca, apenas Bob Dole, que perdeu para Bill Clinton em 1996, declarou apoio a Trump>>, a mencionada categoria se manifesta quando remete a fragmentos da história



dos americanos, assim como no trecho <<Vitória de Trump é recebida com tristeza em berço de movimento feminista nos EUA>>, onde o artigo traz uma observação sobre a tradição feminista existente no país que acaba recebendo a vitória do republicano com repúdio, já que o machismo do presidente é evidente e se declara contra os modos e lutas adotadas pelas feministas.

<<Batalhas eleitorais decisivas nos estados-chaves como Flórida, Carolina do Norte e Ohio, os chamados pêndulos, que oscilam, cada eleição>>, o termo a “cada eleição” remete a um processo cultural político existente nestes estados, evidenciando a categoria cultura de Barthes. Como nunca há um lado definido para se defender por estes estados, o resultado das eleições americanas sempre será uma incógnita.

No decorrer do texto, a candidata adversária a presidência, Hillary Clynton ganha poder. A partir da frase grifada, << o risco de Trump>> no de <<ter gente como Trump>>, o jogo muda e quem passa a ter poder no discurso é Hillary, como por exemplo no trecho <<Hillary contou com o apoio dos principais veículos de comunicação dos Estados Unidos. Apresentando os apoiadores de Hillary, estas grandes figuras e empresas renomadas, mostraram também que Hillary tem poder no discurso e quem passa a estar à sombra do poder é Trump. A palavra <<Apenas>> mostra o pouco apoio que Trump ganhava em sua campanha política.

Mas o poder volta novamente a Trump quando o discurso classifica Hillary como <<impopular>>. O uso de determinadas palavras para caracterizar a candidata, <<política fria>>, <<distante>>, <<pouco confiável>>, <<manipuladora>> criaram um estereótipo de Hillary, que quando comparado com o estereótipo de Trump perde poder no discurso.

O discurso deixa claro o poder absoluto conquistado por Trump a partir do mito da quantificação da qualidade, quando diz que o político consolidou sua vitória, somando mais de 270 votos (número necessário para conseguir a vitória na eleição). Hillary volta de forma rápida ao poder no discurso na frase <<contava vencer com folga>>, ou seja, todos acreditavam que o poder da candidata era maior. Mas despenca novamente para a sombra do poder de Trump na frase <<mas acabou perdendo>>. A frase que carrega o mito de constatação, uma vez que constata que apesar de tudo o vai e volta, quem agora domina é a forma de governo Trumpista.

Classifica-se o discurso como um socioleto encrático. Através das figuras de Trump e de Hillary o discurso se manifesta com signos que revelam de que lado o poder



---

está, como por exemplo nas figuras de linguagem <<ganha a eleição americana>> e <<bilionário republicano>>. No jogo de poder presente no artigo, Trump se sobressai sobre Hillary. O domínio do republicano é grande e deixa os outros a sombra do poder.

### **Considerações finais**

De modo geral, após a análise, é possível apontar que o resultado indicado pela revista *Época* revela um discurso relativo ao poder e a soberania de Donald Trump na política mundial. Mas, além dessas características principais, se observa a oferta primordial feita ao leitor que se manifesta por meio de uma série de conceitos que remetem a dilemas que envolvem as categorias de análise, nas quais de um lado de encontra o domínio de um político bilionário eleito à presidência americana com um discurso conservador e do outro, um contraponto com o perfil da candidata rival. Não se ressalta a presença e abertura de reflexões entorno do tema ou demais questionamentos.

Através de algumas passagens, a análise apresentou um modelo de supervalorização do poder de Trump, e suas consequências para o restante do planeta. O texto coloca em evidência uma dimensão translinguística, dada de modo taxativo com a utilização de vários estereótipos, como bilionário e conservador, destacando o domínio do político.

As representações postas pela revista no artigo deixam claras as formas de discurso, sendo um socioleto encrático. As possibilidades de trabalhar meios que expressem o quanto de poder Trump têm sobre o mundo, é colocado como essencial.

É nítida a presença de traços na linguagem do artigo que demonstre que apesar de existirem pessoas que estão lutando para ganhar o poder, o nome de Trump se sobressai e, portanto, deixa os demais a sombra da sua soberania.

### **Referências**

*A câmara clara*. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

BARTHES, R. *Ensaio críticos*. Lisboa: Edições 70, 1971.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9.a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

BARTHES, R. – *A Mensagem Fotográfica. Teoria de Cultura de Massas*, Adordo et al. Luis Costa Lima, org – . Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

Donald Trump ganha eleição americana em vitória que abala a ordem mundial. *Revista Época*, novembro. p. 07, 2016.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LE MOS, A. *Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Sulina, Porto Alegre. 2002.

MAZZARA, Bruno M. *Estereotipos y prejuicios*. Madrid: Acento Editorial, 1998.

ROUANTE, Luiz. *A história das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2005, p.09.

SANTOS, Elis. C. N. et.al. *Os signos de Barthes e Peirce: a semiótica na moda 2009*. São Paulo, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.